

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**Sarah Gandra Monge Leão**

**MEMÓRIAS DE UMA VIDA - PROCÓPIO SILVA LEÃO**

GOIÂNIA

2021

SARAH GANDRA MONGE LEÃO

## **MEMÓRIAS DE UMA VIDA - PROCÓPIO SILVA LEÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final para a conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, orientado pelo professor Dr. Rogério Borges.

GOIÂNIA

2021

LEÃO, Sarah Gandra Monge. Memórias de uma vida - Procópio Silva Leão. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Comunicação: Faculdade de Jornalismo. Goiânia. 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Orientador Dr. Rogério Pereira Borges

---

Examinadora Prof. Dra. Déborah Rodrigues Borges

---

Examinador Prof. Dr. Diego Avelino de Moraes Carvalho.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus avós que foram pilares para construção dessa narrativa e a todos que de alguma forma contribuíram para a escrita deste livro reportagem.

Sarah Gandra Monge Leão

## **Agradecimentos**

São tantas pessoas que fizeram parte da escrita deste livro e contribuíram de alguma forma para que esse trabalho fosse possível, que é impossível colocar todos os nomes aqui, mas gostaria de agradecer especialmente aos meus pais, irmãos, e às minhas avós, que foram pilares para que esse trabalho fosse possível. À minha colega de classe Maria Eduarda Lamonier pela companhia nessa jornada de escrita. Ao meu orientador Rogério Borges pelas orientações, correções e auxílio neste trabalho. E por fim, a todos que de alguma forma direta ou indiretamente fizeram parte deste livro.

**RESUMO:** O livro-reportagem *Memórias de uma vida* – Procópio Silva Leão conta a história de vida de Procópio Silva Leão, e seus antepassados. Procópio é avô da autora e também ex-combatente de litoral da Segunda Guerra Mundial. *Memórias de uma vida* retrata a vida do homenageado antes, durante e após sua morte e o legado que deixou para sua família. A valorização da história oral é bastante presente no livro e tem como principal objetivo: manter a história e memória viva. Para isso, os textos contidos neste livro, foram descritos de forma aprofundada e detalhada e apresentados no formato de biografia de perfil, cronístico e em linguagem de fácil compreensão, para que seja alçado diversos públicos distintos.

**Palavras-Chave:** Livro-Reportagem; História oral; Biografia; Festa de Santa Cruz.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO .....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO E DIÁRIO DE PRODUÇÃO.....	19
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	28
6.ANEXO 1.....	29
6.ANEXO 2.....	32

## 1. Introdução

Este trabalho tem como foco central restaurar a memória de Procópio Silva Leão, avô da autora e ex-combatente de litoral da Segunda Guerra Mundial. A partir disso, é narrada a trajetória da vinda de seus ancestrais para o interior do estado de Goiás, mas mantendo como ponto central a vida de Procópio. O livro busca conhecer e narrar a história da vinda da família Silva Leão até a região do Capoeirão, próximo à cidade de Cumari, sudoeste do estado de Goiás. A família de Procópio é bastante conhecida por esse local e é responsável por criar a Festa de Santa Cruz, que já possui mais de 100 anos.

Antigamente era comum que diversas famílias saíssem de regiões mais povoadas no Brasil, como o estado de São Paulo, para desbravar novos locais, muitas vezes em busca de melhores condições de vida. Com essa premissa, acabavam chegando a diversos destinos. E com a família Silva Leão não foi diferente, mas é claro que é importante ressaltar que os dois sobrenomes vieram de clãs distintos e acabaram se encontrando no município de Cumari.

Ao abordar as temáticas, será possível compreender a necessidade deste livro. A obra apresenta momentos históricos desde do período do Brasil Império, até os dias atuais. O jornalismo surgiu com a intenção de levar através da comunicação a informação para todos, e com este livro- reportagem, será uma forma de seguir com esses parâmetros do jornalismo que são fundamentais. Até em lugares mais afastados do meio urbano, ele mostra ser possível alcançar através de suas produções.

A intenção é valorizar e manter viva a memória da história oral, e através de fundamentos históricos, será possível enxergar neste livro, e o quanto a família Silva Leão, sem mesmo saber, construía a própria história. É válido ressaltar, que todas as versões descritas, foram construídas em torno de Procópio Silva Leão. O trabalho tem a intenção de fazer com que o leitor embarque no universo dessa família, e consiga se sentir como se tivesse feito parte dos momentos vivenciados por cada personagem nessa história. Sua função social central é fazer com que a história continue viva e seja levada para outros cantos do país.

E é por isso que o trabalho busca ouvir e narrar histórias e trajetórias da forma mais fiel possível, tentando transparecer a emoção de cada personagem. Cada uma das fontes entrevistadas trouxe a versão que conhece sobre o assunto, a partir das experiências que teve e histórias que escutou ao longo da vida. E mesmo com o denominador comum que é possuir alguma ligação com Procópio Silva Leão, o Capoeirão, e a Festa de Santa Cruz, os entrevistados trilharam caminhos diferentes e conseqüentemente as versões contadas possuem suas particularidades.



Para o desenvolvimento do projeto, foi seguido os parâmetros para escrita de um livro-reportagem, e em um primeiro momento foi reunido o máximo de informações sobre o assunto, através da oralidade e em seguida feita algumas pesquisas bibliográficas sobre o tema. Foram realizadas em torno de vinte e cinco entrevistas com pessoas que tinham de alguma forma ligação com o assunto. As entrevistas foram feitas de modo presencial e por telefone.

Para escolher as fontes, foi considerada a ligação com os personagens principais e pontos centrais da história. A intenção era fazer um livro que, por mais que conte histórias de uma família em específico, abranger contextos históricos do momento inferido e através das narrativas distintas enriquecer o material. Assim, cada personagem não só trouxe sua versão, mas também ponto de vista da situação. É válido ressaltar que cada informação foi checada e apurada de acordo com os parâmetros do jornalismo.

Durante o processo de entrevista e checagem, a autora escreveu os capítulos do livro optando por uma narração em primeira pessoa, colocando, em alguns pontos, análises, comparações, ou até mesmo suas próprias percepções sobre as pessoas e situações. Além de se tratar de uma narrativa simples e fácil de compreensão, para que seja possível alcançar um público mais amplo com o livro. A ideia era dialogar com o leitor para que, ao ler essa história, ele seja levado ao universo da família Silva Leão.

## **2. Referencial teórico**

### **2.1. Um homem chamado Procópio**

O livro-reportagem “Memória de uma vida – Procópio Silva Leão” é uma narrativa biográfica, que se concentra em contar a vida de uma determinada pessoa, buscando retratar através de dados e registros acontecimentos importantes da trajetória de alguém. No caso do livro em questão, a pessoa retratada é Procópio Silva Leão, avô da autora. Esta biografia apresenta narrativas que se desdobram antes do nascimento de Procópio, durante sua vida e até após sua morte. A narrativa possui história, memória, diversos depoimentos e pesquisa bibliográfica. A história narrada traz fatos representativos da História do Brasil, dos séculos XIX ao XXI, trazendo sempre intertextos que contextualizam com a vida de Procópio Silva Leão e sua família. Mesmo com o enfoque da narrativa sendo a vida de Procópio, foi possível através dela resgatar memórias e acontecimentos que muitas vezes permanecem esquecidos pela maioria ou restritos às lembranças de quem os viveu. E é por conta disso que existe a necessidade de narrativas biográficas, para também manter viva a história oral, o que é amplamente evidenciado ao longo do livro.

[...] a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo [...]. ( ALBERTI, 2000, p. 3).

O avô da autora nasceu em dezembro de 1917 e faleceu no ano de 2006. Procópio, que viveu 88 anos, nasceu no município de Cumari, Goiás, no ano que ocorreu a Revolução Russa. Serviu o Exército brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial, testemunhou a fundação de Goiânia e, posteriormente, a mudança da capital do Brasil para o Planalto Central. Também viu os dois governos geridos por Getúlio Vargas, a ditadura militar brasileira e a redemocratização, falecendo durante o primeiro governo de Lula. Apesar de o enfoque central ser a trajetória de vida do avô da autora, o contexto histórico mais amplo caminha junto com os acontecimentos pessoais do biografado que são mostrados no trabalho.

O livro restaura a memória acerca da vida de Procópio através de relatos que foram feitos por parentes, amigos e pessoas que o conheceram em alguma fase da vida, e por conta disso, o testemunho oral é amplamente necessário para construção desta narrativa. Apesar da maioria das fontes ser composta por membros da família Silva Leão, o processo para a busca e

pesquisa foi árduo e a autora precisou se deslocar até a cidade natal do avô para ter um contato maior com as fontes e restaurar a memória de Procópio.

A busca pela história do avô começou, de fato, no início do ano de 2021, pois antes mesmo de definir esse tema como trabalho de conclusão de curso, a autora já se interessava pelo assunto e sempre que via algo a respeito procurava entender um pouco melhor a história que representava seus ancestrais. Foi uma jornada que teve seus percalços, alguns bastante dolorosos. Além das dificuldades impostas pela pandemia, que limitou a circulação de pessoas e, conseqüentemente, adiou determinadas fases da apuração do livro até que a vacinação estivesse mais adiantada, a autora, neste caminho, perdeu sua principal fonte primária, sua avó Cilezia, esposa de Procópio, que lhe forneceu muitas das informações valiosas sobre o biografado. Ela foi mais uma das vítimas da Covid e não pôde ver o trabalho da neta pronto, mas sua contribuição para este livro-reportagem é mais que importante: é fundamental para sua existência.

## **2.2 Os Silva Leão**

Os ancestrais de Procópio se originam de duas famílias distintas, os Silva e os Leão. Os Silva saíram da cidade de Igarapava, São Paulo, que ficou conhecida, nos séculos passados, por ser uma região onde os bandeirantes paravam para descansar rumo a várias partes do interior brasileiro, incluindo Goiás. De acordo com registros da prefeitura da cidade,

As terras haviam sido doadas aos bandeirantes Bartholomeu Bueno da Silva (Anhanguera) e João Leite da Silva, no ano de 1720, pelo rei de Portugal. Segundo o Historiador Jesus Marco de Ataídes em seu livro “Sob o signo da violência”, aqui viviam da horticultura, da caça e da pesca em grandes aldeias em forma de círculo, os índios caiapós do Sul. Guerreiros por natureza, durante muitos anos enfrentaram e resistiram a ação dos colonizadores. (IGARAPAVA, 2021)

Os Silva, que até então se estabeleciam no interior de São Paulo, saíram deste ponto até chegar ao sudoeste de Goiás, onde fixaram moradia e construíram um local denominado de Capoeirão, nas proximidades de onde hoje é a cidade de Cumari. Os Leão chegaram na mesma época à região e também consolidaram suas raízes. Registros históricos e orais informam que eles vieram da cidade de Formigas, Minas Gerais, com a mesma intenção do outro clã: encontrar melhores condições de vida e trabalho. As famílias criaram laços entre si através do casamento de Antônio Silva Barbosa e Maria Teodora de Jesus, os pais de Procópio (protagonista da narrativa) e bisavós da autora.

A família Silva teve que enfrentar um longo caminho até se estabelecer no interior do estado de Goiás. Possivelmente essa linhagem dos Silva percorreu uma rota conhecida como o caminho feito pelos Bandeirantes a partir do século XVIII.

A rota principal é através da Estrada dos Romeiros (SP 312), mas existem também outras vias de acesso à região: SP-280 – Rodovia Castello Branco (São Paulo-Avaré/Divisa de MS). SP-079 – Rodovia Convenção Republicana (Itu-Salto). SP-113 – Rodovia Doutor João José Rodrigues (Tietê-Rafard). SP-127 – Rodovia Piracicaba/Tietê/Itapetininga. SP-300 – Rodovia Marechal Rondon (Jundiaí-Itu-Porto Feliz-Tietê). SP-308 – Rodovia do Açúcar (Salto-Piracicaba). (DONDA, 2011)

A rota de Bandeirantes edificada acima, também possui suas respectivas problematizações para os historiadores no estado de Goiás, como é afirmado por Chaul.

Para a primeira geração de historiadores, era necessário descobrir Goiás e os primeiros estudos de cunho acadêmico foram elaborados nesse campo. Era necessário desvendar o Goiás Colonial, sua vida administrativa, sua economia, sua política, o ouro e a vida goiana no século XVIII, índios, bandeirantes, colonização, miscigenação... Seguiram-se preocupações com as comunicações fluviais, o Araguaia e o Tocantins (Dalísia Doles), com a Escravidão em Goiás (Gilka Vasconcelos), o Povoamento do Sul de Goiás (Maria França), As Colônias de Povoamento (Eliane Dayrell), entre tantos outros, até chegar ao rico período da primeira república, com estudos centrados principalmente no Coronelismo. (CHAUL, 2009, p.5)

A extensa trilha acabou chegando a diversos destinos, de acordo com as testemunhas orais que se dispuseram a relatar o acontecimento para o livro. Parte do clã seguiu para a cidade de Mazargão, Rio Verde e Cumari, ambas pertencentes ao estado de Goiás. No entanto, a linhagem de Silvas que é retratada no livro são apenas os Cumarinos.

Com a chegada do novo clã ao local, fixaram moradia numa extensa faixa de terra que se denomina Capoeirão, possivelmente pelo tipo de vegetação que é apropriada do local. “Capoeira é uma vegetação secundária composta por gramíneas e arbustos esparsos, que cresce após a derrubada da vegetação original. O termo, oriundo do tupi, designa o mato que nasceu no lugar de vegetação cortada.” (RIZZI, 2012, p. 297-317)

O território que é povoado pela família há mais de um século é repleto de história, de estórias, lendas, festas e muita fé. A começar pela Festa de Santa Cruz, que é um dos maiores pilares da família desde os tempos de sua chegada até os dias de hoje. O evento, cuja data de criação é duvidosa por não possuir registros totalmente confiáveis, teria começado a ser realizado entre um século e um século e meio atrás. A festa acontece todos os anos na região do Capoeirão, nos domínios da família Silva Leão, e encanta muitas gerações.

De acordo com as fontes entrevistadas pela autora, a folia é de autoria de uma das avós de Procópio, possivelmente da materna, que veio de Minas Gerais trazendo consigo a devoção a Santa Cruz. A Santa, que possui origem também desconhecida, é motivo de oração da família há muitos anos. Conforme exemplificado pelo Irmão Diego Joaquim, Missionário Redentorista da Congregação do Santíssimo Redentor, entrevistado para o trabalho, muitos santos ficam conhecidos apenas em determinada região, vilarejo, cidade. A celebração, por existir há muitos anos, é recheada de histórias orais e memórias. Isso demonstra o papel central da história oral para construção deste livro. “A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX [...]”. (ALBERTI, 2000, p 1).

### **2.3 História Oral**

Apesar de uma obra biográfica poder ser realizada por meio da história oral, vale ressaltar um preceito que mantém um diálogo com Ecléa Bosi (1979), no qual a autora edifica o que é a memória dos “velhos”, que condiz bastante com os mecanismos utilizados para escrita deste livro-reportagem. Grande parte das pessoas que relataram acontecimentos, histórias e memórias, já alcançaram a terceira idade. Nesse quesito, merece menção especial a avó da autora, Cilézia Gonçalves Silva, que aos 90 anos conseguia contar diversos pontos cruciais da trajetória dela própria e da família do esposo Procópio. O mesmo pode ser dito sobre outra fonte primária desta narrativa, o senhor Manoel Agapito, companheiro de Exército do biografado, que aos 99 anos também edificou com completa lucidez pontos importantes para a escrita. É apenas com a junção do presente e o passado essa memória pode ser construída.

Esse afloramento do passado combina-se com processo corporal e presente da percepção: aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros signos destinados a evocar antigas imagens. (BOSI, 1979, p. 9).

Por se tratar de um livro-reportagem que aponta para a necessidade de manter viva a memória da história oral, é importante ressaltar a importância de testemunhos orais, que podem assim ser identificados de acordo com o fato que está sendo retratado, mas colocando como ponto crucial a necessidade de afastamento do objeto em questão para que a imaginação, o simbolismo e o desejo não interfiram de forma direta na história, levando em consideração os parâmetros do jornalismo, para os quais a checagem é uma obrigação.

E por conta disso, vale ressaltar os desafios enfrentados pela autora para a checagem das informações que foram retratadas no livro. Apesar de a maioria das fontes serem membros da família Silva Leão, o processo, exatamente por isso, foi ainda mais complexo, pois algumas fontes não se dispuseram a falar sobre o assunto e até contaram histórias consideradas um tanto absurdas ou até “mirabolantes” para os parâmetros reais. Sem contar as dificuldades com ligações e mensagens de texto, pois grande parte dos entrevistados vivem no campo, na região do Capoeirão, próximo à cidade de Cumari. No local há rede de telefonia e sinal de internet, mas mesmo assim, os desafios para encontrar a fonte disponível mostraram-se muito maiores pela falta de costume em lidar com a tecnologia.

Com a necessidade de um processo de checagem ainda mais minucioso, a autora realizou uma pesquisa de campo no local, onde conseguiu enriquecer ainda mais a história tratada e checar com maior cuidado as informações que foram passadas pelas fontes. Na região foi possível ainda ter contato com outras fontes e abrir um “leque” maior para a pesquisa documental feita no livro. Ela esteve, por exemplo, na igreja erguida na região do Capoeirão para a celebração da tradicional festa de Santa Cruz, que agrega toda a família e que tem ligação direta com a vida de Procópio, e só após uma visita pessoal ao túmulo da família, localizado no Cemitério Municipal de Cumari, foi possível dirimir a dúvida sobre os nomes de duas das matriarcas da família. É bom ressaltar que, em vários relatos, a identidade dessas mulheres fundadoras se confundiam, sendo que uma veio de São Paulo e a outra de Minas. Comparando-se nome, datas e até fotografias que estavam no jazigo, chegou-se à versão correta sobre os ancestrais do biografado.

Apesar das amplas dificuldades que foram enfrentadas no processo de checagem e a relação da autora com as fontes, é válido ressaltar que mesmo o livro tratando de um objeto que envolve afeto pessoal, ele não se afastou das melhores práticas jornalísticas. E por conta disso, a obra em questão, mostra a necessidade de conhecer melhor os valores culturais da região retratada na trajetória do principal personagem da narrativa, mas de todo o contexto sócio-cultural onde a família Silva Leão se estabeleceu. Como foi mencionado, a religiosidade é um traço marcante tanto no livro, quanto na família descrita. A fé é posta como ponto central das celebrações familiares no Capoeirão, com a novena em homenagem a Santa Cruz, festejo que marca a união dos clãs Silva e Leão e que integra a tradição que também integrou a vida do protagonista da história, Procópio. Trata-se de uma pessoa com fortes raízes à terra para onde seus antepassados vieram, onde passou quase toda a sua vida e cujo cenário o moldou em seu jeito de ser.

As identidades locais têm que ser respeitadas e, dentro disso, o mundo da religiosidade tem função fundamental, pois é ela que permite perceber as manifestações em torno do sagrado que faz parte da vida do homem e da sociedade, onde ele está e que ajuda na construção dos valores das pessoas, das famílias e das comunidades”. (BERNADI, apud CASTILHO, 2016)

Como qualquer tipo de tradição, as festas religiosas são responsáveis por marcar gerações, além de serem populares em cidades pequenas, geralmente no interior dos estados e em igrejas regionais, criando uma simbologia no *ethos* das pessoas que delas participam e até revelando vocações políticas e econômicas em determinadas localidades, com base na representação religiosa.

[...] é possível considerar uma perspectiva político-econômica da representação religiosa, quando lidamos com a leitura de autores comprometidos na interpretação da festa como um sistema simbólico (GERTZ, 1989) ou como uma estrutura renovável de controle e gestão da sociedade por intermédio da fé (BOURDIEU, 1998). Em qualquer uma dessas concepções se avança no sentido de interpretar o movimento de articulação dos sagrados e profanos das festividades, na compreensão da espacialidade religiosa. O que não significa dimensionar imediatamente a função simbólica dos rituais de celebração. Rituais que agem na convergência de imaginários e de múltiplas identidades para uma mesma festa religiosa. O dimensionamento é posterior; é construtor de uma sobre-realidade, algo racionalizado para além do dado (BACHELARD, 2003 apud OLIVEIRA, 2005, p. 95)

E com a Festa de Santa Cruz, essa mediação não é tomada de forma diferente, pois o ritual da fé é visto como o ponto central responsável pelo surgimento da celebração. Ao escolher esse tema, foi aceito o desafio de encontrar a versão que mais se aparentava verídica a respeito da concretização da família Silva Leão no município de Cumari, o que inclui o início dessa tradição religiosa específica. E também comprovar de acordo com os parâmetros jornalísticos, entrelaçando documentos e testemunhos, a veracidade da participação de Procópio Silva Leão na Segunda Guerra Mundial. Antes do processo de apuração, a preocupação era com a quantidade de versões que foram contadas e quais poderiam ser ou não verdadeiras, pois o testemunho oral acaba abrangendo um leque muito grande de memórias, que podem até serem de origem fantasiosas.

É importante mencionar que apesar dessa série de abordagens que são retratadas ao longo do enredo, o livro gira em torno de Procópio. Sua vida é, de fato, o ponto central da história. Cada memória, história e lembrança pesquisada foram apuradas por possuírem alguma relação direta ou indireta com a vida dele. Nas narrativas feitas ao longo dos capítulos, por

exemplo, são apresentadas indicações que mostram o parentesco dos entrevistados com o avô da autora, enfatizando o protagonismo deste homem no relato.

Como o próprio nome do capítulo do livro em questão já diz, “O maior confronto da História”, o trabalho descreve de forma breve o que foi a Segunda Guerra Mundial, o evento que acelerou muitos processos tecnológicos do século XX e redesenhou a geopolítica global, além de ter sido o conflito mais letal da história da humanidade. Os combates que se desenrolaram entre 1939 e 1945 possuem um capítulo em destaque no livro em razão de o protagonista da história ter servido o Exército brasileiros durante aquela mobilização de tropas. O confronto envolveu países da Europa, América e Ásia. A participação do Brasil no confronto aconteceu de forma pequena, mas significativa.

O avô da autora, nascido em Cumari no ano de 1917, foi convocado pela unidade do Exército em Ipameri para servir a pátria durante este período. Convocado no ano de 1942, realizou treinamento intensivo em Iguape, São Paulo, com outros colegas. Na obra é explicado que Procópio não foi para combate fora do Brasil, mas integrou um batalhão que, entre outras atribuições, tinha a missão de proteger a fronteira do Brasil. Por conta disso, o avô da autora é considerado um ex-combatente de litoral. “O(A) Ex-combatente Litoral é aquele que participou de missões de segurança na costa brasileira, ilha de Fernando de Noronha ou transportado(a) em navios escoltados por navios de guerra”.(BRASIL, s/d).

## **2.4 – Livro-reportagem**

Pode-se dizer que o papel desenvolvido pelo jornalismo vai muito além da objetiva divulgação de conteúdos informativos, encontrando-se também no processo de identificar a situação como uma construção social e histórica. E através do livro-reportagem é apenas um dos mecanismos pelos quais é possível compreender este papel e fazer com que ele seja peça-chave para o desenvolvimento de um estado democrático.

Definindo se historicamente como atividade que apura acontecimentos e difundir informações da atualidade, ele buscava captar o movimento da própria vida. Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, com provável, palpável, a ser transmitido com produto digno de credibilidade. Com isso, prestaria traço ou desejaria prestar traço uma espécie de testemunho do “real”, fixando ao mesmo tempo buscando compreendê-lo. É tentador embora imprudente afirmar que em certo sentido ele tem algum parentesco com a história. Seria, então, o jornalismo esprege historiador da vida contemporânea“, diariamente compartilhado. (BULHÕES, 2007, p. 11).



Garantido no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007), o direito fundamental do cidadão à informação presente no artigo 1º é reforçado no artigo 2º com o acréscimo de que o jornalista não pode admitir que tal direito seja impedido por nenhum tipo de interesse, especificando no inciso III que a liberdade da imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão. E por conta disso, o jornalismo não só se torna elemento fundamental em uma sociedade democrática, assim como é, portanto, necessário reforçar sua importância, produzindo conteúdos de interesse público que não apenas informem sobre o cotidiano ou os fatos mais urgentes, mas que também disponibilize à sociedade os instrumentos para o desenvolvimento de um senso crítico mais sólido, possibilitando que conheça e analise pautas relevantes e tantas vezes invisibilizadas.

Em razão disso, e tendo conhecimento da responsabilidade inerente à profissão, é dever do jornalismo fazer um trabalho que seja de fácil compreensão para todos os pilares da sociedade. Quando se retrata o cenário das mídias tradicionais que trabalham com jornalismo diário, o tempo de apuração sempre foi exíguo, exigindo processos e fluxos mais rápidos, o que geralmente esbarra nos problemas da superficialidade, da fragmentação e da descontextualização (MARCONDES FILHO, 1989). Dessa forma, temas que carecem de maior pesquisa, apuração e, na maioria das vezes, que não chamam a atenção do mercado – aqui podemos trazer a visão de Cremilda Medina (1988), que vê no jornalismo “um produto à venda –, ficam de fora das reuniões de pauta de editores e repórteres. Esse tipo de déficit é até natural, dada a natureza de pressão constante com que as empresas jornalísticas lidam com seus conteúdos, seja da concorrência, do público ou mesmo do tempo para elaborá-los.

E com o passar do tempo e por meio dos avanços tecnológicos através da comunicação, a forma de produzir jornalismo foi se transformando e tomando diferentes faces para se enquadrar nos variados meios de divulgação. A pandemia do covid-19 é um exemplo mais agudo deste fenômeno. O livro-reportagem é uma alternativa para essa lógica estritamente comercial e que coloca prazos muito curtos para coberturas jornalísticas. Essa diferenciação acontece por diversos fatores. O primeiro deles é por se tratar de uma narrativa atemporal, universal, na qual o leitor pode viver a narrativa em qualquer lugar do mundo em qualquer tempo, podendo, por exemplo, presentificar o passado, como é o caso desta biografia de Procópio Leão, não tendo um momento definido.

O deadline diferente também é um fator relevante, pois enquanto as matérias jornalísticas cobram um imediatismo constante, o livro-reportagem possui um prazo maior para pesquisas, entrevistas e escrita. Outro fator é a possibilidade de as pautas estarem fora da agenda

da cobertura factual e cotidiana, cabendo ao autor ou à autora uma liberdade maior na procura de fontes, na mudança de percursos de apuração e seleção de fontes, e que acaba construindo enquadramentos mais versáteis e incomum. A linguagem mais ousada também é uma espécie de liberdade com a qual o livro-reportagem pode contar. E na obra “Memórias de uma vida - Procópio Silva Leão”, a autora deu-se uma liberdade maior na forma de escrever, empregando uma linguagem com parâmetros mais simples e informais de escrita, para que o público alcançado fosse muito maior e compreendesse a mensagem que se pretende passar.

Em um livro-reportagem, é possível identificar uma liberdade autoral muito grande, em que o autor não é enquadrado nos mesmos parâmetros de um veículo que trata notícias factuais todos os dias, além de possuir uma margem de manobra editorial muito maior, livre de constrangimentos editoriais e comerciais que tantas vezes impõem certos ditames ao trabalho jornalístico. Essas possibilidades mais libertárias de execução do trabalho podem ser encontradas no presente trabalho, que é um livro-reportagem perfil com ares biográficos e tendo o reforço de contextos históricos. Como foi explanado, trata-se de uma reportagem mais expandida e com traços de humanização e contextualização mais intensos do que normalmente seriam encontrados numa matéria jornalística comum. Mas é claro, não deixando os princípios básicos do bom jornalismo em segundo plano, pois é necessário apurar, selecionar e hierarquizar a informação com a mesma seriedade e dedicação.

O livro-reportagem veículo de comunicação impressa não traço periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística os periódicos. Esse “grau de amplitude” superior pode ser entendido no sentido de mal em fase de tratamento é o tema focalizado. (LIMA, 2008, p. 26)

Já em relação à linguagem, foi citado anteriormente que se trata de um modo de escrita mais simples e de fácil compreensão, com textos de ritmo e inspiração mais cronística, no qual a autora se dirige ao leitor de forma direta em diversos momentos.

### **3. Descrição do produto**

O livro “Memórias de uma vida - Procópio Silva Leão” é composto por diferentes histórias buscando retratar de forma fiel e aprofundada a vida de Procópio Silva Leão, avô da autora e ex-soldado brasileiro na Segunda Guerra Mundial, e da trajetória de sua família até chegar ao município de Cumari, no Sudoeste goiano. Além de mostrar como se deu a origem do Capoeirão, uma região nas vizinhanças da cidade e que foi povoada pelas famílias Silva e Leão, a obra também mostra o surgimento da Festa de Santa Cruz e os laços do biografado não só com esse espaço, onde passou a maior parte de sua vida, mas também com a tradição religiosa que seus antepassados criaram na região. A leitura possui a intenção de contribuir para o saber dos leitores, mostrar a relevância de se preservar a memória e aproximá-los da história da família Silva Leão.

O intuito central do livro é preservar e homenagear a memória de Procópio Silva Leão. Com o trabalho, é possível promover uma aproximação mais sólida não só com este personagem cuja vida teve tantas circunstâncias interessantes, mas também fazer uma contribuição efetiva com a história, a cultura e religiosidade da cidade de Cumari e de uma de suas famílias mais importantes, que ajudou a fundar e a desenvolver a cidade tal como ela é hoje. Também são abordados contextos históricos mundiais, como a Segunda Guerra Mundial, enfatizando uma pequena cidade do interior não está totalmente isolada do mundo, estabelecendo laços com contextos muito mais amplos, em que pessoas como Procópio e outras fontes procuradas para a realização deste trabalho mostram-se elos que unem realidades que parecem tão díspares.

Um dos maiores questionamentos feitos para a autora durante o processo de escrita foi exatamente o motivo da escolha do tema. E essa pergunta é facilmente respondida. A ideia surgiu com a intenção de homenagear o avô, pois desde de muito cedo se familiarizou com a história de sua família e por conta disso, não só ingressou no curso de Jornalismo, mas também em licenciatura em História. Isso acabou culminando ainda mais no interesse na escrita desta narrativa sobre alguém que tinha o dom de contar, ele próprio, tantas histórias, o que demonstra o quão vital é manter a memória e valorizar a oralidade.

De início, o tema original era apenas contar sobre seu avô e sua trajetória durante o processo que ficou de prontidão no litoral brasileiro para entrar em ação em guerra, caso fosse necessário. Mas com intuito de ir além e abranger de forma mais clara e precisa sobre a história, a autora realizou uma visita de campo para a cidade de origem do mesmo. E quanto mais procurava a respeito do assunto, mais dificuldades e fundamentos surgiam. No primeiro

momento, foram procuradas fontes que viviam no contexto familiar próximo da autora, como o pai, Luiz Carlos Leão, a tia, Maria Da Glória Gonçalves Leão e a avó, Cilezia Gonçalves Silva. É necessário ressaltar que esses testemunhos e essas memórias foram peças cruciais para o contato com as outras fontes. Durante o processo de escrita, a avó da autora, e esposa do ex-combatente que é o grande homenageado do livro, faleceu. E por conta disso, o livro passou também a ser uma forma de homenagear a avó.

Para escrever o livro, a autora precisou dispor do método das entrevistas semiestruturadas, que consiste em um modelo de entrevista flexível, que possui um roteiro prévio, mas no qual o entrevistador está livre para fazer qualquer tipo de pergunta que não esteja no roteiro, dando um espaço de diálogo de forma mais natural e dinâmico. E o diálogo, como afirma Medina (2008) é fundamental num jornalismo que se proponha a ser mais aprofundado.

A entrevista, na suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamento os grupos, individuais e sociais, pode também servir a pluralização de vozes e a distribuição democrática da informação. (MEDINA, 2008, p.8)

Desde pequena, Sarah Gandra cresceu escutando histórias sobre como a família do avô era importante em uma cidade do interior do estado de Goiás. E não só através de testemunhos orais, mas também teve a oportunidade, desde muito cedo, de ter contato direto com o local e conseqüentemente com a história. Nascida e crescida em Goiânia, o contato da autora com a cidade era apenas em momentos raros que aconteciam com longos intervalos entre uns e outros. No ano de 2017, em uma dessas viagens realizadas até Cumari, ela decidiu pesquisar e conhecer mais sobre essas histórias que tanto se falava em torno, sobretudo, do Capoeirão, região próxima que é quase totalmente ocupada por seus parentes. Em 2019, ela chegou à conclusão que escreveria um livro sobre o assunto.

Por serem temas muito específicos, alguns assuntos não possuem tantas narrativas para pesquisa. É claro que foi feita uma contextualização histórica de todos os temas abordados, mas mesmo assim o local não parecia despertar tanto interesse, nem de outros autores, nem dos próprios membros da família. Dentro do universo jornalístico, o máximo que foi encontrado sobre o assunto central foram reportagens televisivas feitas durante a Festa de Santa Cruz e um trabalho sobre a importância da religiosidade. De resto, o tema mostrava-se bastante específico, não sendo capaz de despertar o interesse de repórteres ou historiadores.

Por isso, mora aqui a necessidade de se produzir produtos jornalísticos que abordem não só a história oral, mas também que seja mediado o interesse dos leitores na busca de conhecer as cidades do interior do estado de Goiás. Além de trazer a valorização do estado, fazer com

que o leitor possa aprofundar os seus conhecimentos na história brasileira. O produto traz diversos contextos historiográficos como assuntos pontuais descritos ao longo do livro.

No primeiro momento, a autora possuía dois temas em mente sobre o que possivelmente gostaria de escrever. Em uma conversa antes mesmo de iniciar as orientações com seu orientador, Rogério Borges, ela sugeriu falar somente da história da Festa de Santa Cruz ou somente da trajetória do avô Procópio Leão na Segunda Guerra Mundial. O orientador, então, sugeriu falar dos dois temas no mesmo livro, tendo o biografado como fio condutor entre eles, e essa foi a ideia que se consolidou até praticamente a fase final de escrita.

No entanto, ao longo do processo, as temáticas se alteraram algumas vezes. Primordialmente, o livro ia ser dividido em duas partes e exemplificaria sobre a trajetória da família de Procópio e como foi o processo de alistamento no Exército durante a Segunda Guerra Mundial. Mas com tantas buscas, novas fontes, “mudanças de percurso” e imprevistos, o livro passou a dar um enfoque maior também na avó da autora, esposa de Procópio, dona Cilézia. Durante quase todos os momentos, ela esteve presente contando histórias e memórias sobre seu marido, mas um mês antes da finalização do livro-reportagem, ela faleceu e passou também a ser homenageada. Cilezia e Procópio se casaram no ano de 1947 e construíram uma longa vida juntos. Ambos tiveram suas histórias e foram figuras bastante representativas para a construção deste livro reportagem.

Desde o início, o maior desafio a ser encarado era saber identificar qual era a veracidade do assunto relatado pelas fontes. Apesar de ser um tema que a autora possuía muitos contatos que tem conhecimento no assunto, a dificuldade foi ampla, pois muitos familiares não se dispunham a contar sua versão sobre o assunto. Ou até mesmo apresentavam versões que mais a frente foi constatado que não possuíam veracidade alguma.

Em um segundo momento, a procura pelas fontes se tornou algo muito mais amplo e passou a ir para parentes um pouco mais distantes. E através de mecanismos como o whatsapp e a ligação de modo convencional por telefone foi possível ter um contato com as fontes. Já no segundo semestre do ano, a autora viajou para a cidade de Cumari, realizou apurações de forma presencial e checkou determinados pontos que eram necessários.

Os capítulos foram distribuídos em três partes do livro-reportagem “Memórias de uma vida - Procópio Silva Leão”. O livro inicia com agradecimentos, introdução e posteriormente uma breve genealogia dos patriarcas. A primeira parte é denominada de “Os Silva Leão” e possui quatro capítulos. O primeiro capítulo é denominado “Famílias pioneiras”, no qual a autora conta um pouco sobre cada família que foi importante para a construção do livro. As famílias centrais são ancestrais de Procópio Silva Leão e esse capítulo reconstrói como foi a

chegada de seus familiares à região onde se encontrava o então distrito de Cumari, Sudeste de Goiás, então pertencente ao município de Goiandira. Já o segundo capítulo, intitulado “Bem-vindos a Igarapava”, possui a mesma linha do primeiro, em que se continua apresentando quem foi os Silva Leão e sua relevância para o livro, mas desde seus locais de origem, entre os quais está Igarapava, cidade do interior paulista que se localiza na divisa com Minas Gerais. O terceiro capítulo, “Eita, boiada”, segue a linha de trajetória dos recém fundadores dando enfoque nas dificuldades que possivelmente enfrentaram até a chegada ao local hoje conhecido como Capoeirão, uma viagem dura realizada no final do século XIX em carros-de-boi. O último capítulo da primeira parte mostra um lado mais “engraçado” da trama, denominado de “As (muitas) Marias”. O capítulo introduz a história do clã de maneira mais específica, trazendo nomes importantes para a família Silva Leão, uma verdadeira “marca registrada”, no qual são várias as mulheres que têm o mesmo nome: Maria.

A segunda parte da obra, batizada de "Capoeirão", se estende do capítulo cinco até o capítulo doze. O quinto capítulo é “Onde é esse lugar?” e retrata a história do Capoeirão, local onde se passa boa parte do livro. Já o sexto, “Haja história para contar!”, é composto por diversas histórias que aconteceram na região do Capoeirão, algumas verdadeiras, outras que mais se assemelham a lendas. No sétimo, “Os filhos de Antônio”, são delineados, com suas características positivas e negativas, os muitos irmãos (nove no total) de Procópio Silva, o grande homenageado do livro. É uma forma, também, de conhecer melhor os códigos e as mentalidades da família do biografado, o que pode explicar muito das ações e do temperamento de uma pessoa.

Já no oitavo capítulo, chamado “Soltem os foguetes, já vai começar a Festa de Santa Cruz”, começa uma brincadeira para levar o leitor para o ambiente da tradicional festa criada e mantida pela família Silva Leão e que é bastante mencionada no livro. Essa celebração também fez parte da vida de Procópio e foi fundada por uma das avós do avô da autora. No capítulo, “Santa Cruz também é casamenteira”, descreve um dos quatro casamentos que aconteceu na capela de Santa Cruz. Ainda na linha das brincadeiras com o que está sendo contado no trabalho, a autora segue com o décimo capítulo, “50? Não! 100!!! Peraí, quem dá mais? Acho que ouvi 200!”, que retrata os leilões que são feitos na Festa de Santa Cruz. O décimo primeiro capítulo, “Festeiro é o que não falta!”, segue relatando quem foram os festeiros da celebração religiosa que une os Silva Leão e contando algumas histórias memoradas por essas pessoas que conduzem os festejos. No último capítulo da segunda parte, “Receitas de família, hum, que delícia!”, a autora restaura algumas memórias através de receitas que foram passadas de geração em geração na família Silva Leão.

Na terceira parte do livro, “Procurando Procópio”, é iniciada com o capítulo treze, “A terra da pimenta!”, no qual a autora descreve os desafios ao visitar a “terra da pimenta nos dias atuais”. Essa terra é o próprio Capoeirão, espaço de vida de Procópio e de tantos de seus ancestrais e parentes mais próximos. Já no décimo quarto capítulo, “Conhecendo minha vovó...”, a autora conta sobre a avó Cilézia, companheira de toda uma vida do biografado, e descreve sua relevância para a história. No décimo quinto capítulo, “Procópio e seu amor por Cumari. E haja amor!”, a autora descreve quem de fato foi seu avô e sua relação com a cidade natal. No penúltimo capítulo, “O maior confronto da história” é apresentado de forma breve o que foi a Segunda Guerra Mundial, deixando gancho para o próximo e último capítulo, “Meu avô na guerra”, em que a autora finaliza o livro contando sobre a trajetória do avô ao servir o Exército brasileiro durante o conflito.

Ao longo das páginas do livro pode ser vista uma série de fotos, totalizando 150 imagens, distribuídas em todos os capítulos. Em sua grande maioria, a autora as encontrou com membros do clã Silva Leão e outras com o responsável por uma página em uma rede social na cidade de Cumari. Apesar de as fotos estarem com parentes, conseguir fazer registros delas até mesmo com a câmera do celular não foi fácil para a autora, pois muitos ficavam hesitantes em mostrar os documentos antigos. As fotos foram ordenadas no livro de acordo com suas temáticas representativas. Inicialmente está a certidão de nascimento de Procópio. Já na primeira parte do livro são vistas vinte fotos ao longo dos quatro capítulos, que representam os fundadores da região do Capoeirão, a origem dos Silva Leão e Procópio com seus irmãos em terras goianas. Na segunda parte, são trinta e nove fotos, onde ainda é vista essa mesma linha das imagens anteriores, apresentando detalhes do Capoeirão. Mas, em sua maioria, tratam-se de fotos da capela de Santa Cruz e do local onde é tradicionalmente realizada a Festa de Santa Cruz. Já na última parte do livro são apresentadas trinta e seis fotos e sua grande maioria são de Procópio, quando serviu o Exército na Segunda Guerra Mundial.

Apesar de se tratar de fotos antigas, que estavam sob o domínio do clã Silva Leão há várias décadas, elas nunca haviam sido reunidas. Isso demonstra mais uma vez a importância e necessidade deste livro, que empresta outra vivacidade a essas fotos, mostrando que os registros fotográficos são de extrema importância quando se trata de lembranças muito antigas e que às vezes se confundem ou se nublam, o que faz com que se mantenha viva a história. É incalculável o valor de cada foto colocada no livro. Além disso, as imagens se casam perfeitamente a um trabalho biográfico como se trata o livro *Memórias de uma vida - Procópio Silva Leão*.

O processo de diagramação foi bastante rápido. Primeiramente, a autora enviou dois capítulos para o diagramador, Vinicius Pontes, para ele compreender a temática do livro e

elaborar um design que pudesse condizer com o tema que seria abordado. Assim que o projeto gráfico foi aprovado pela a autora, o material foi submetido à avaliação do professor-orientador Rogério Borges, que também o aprovou. Com essas aprovações e a escrita do livro completamente pronta, a autora enviou o livro completo para o diagramador. O processo de diagramação foi bastante simples e quase não teve mudanças do design original, pois Vinicius Pontes seguiu as indicações que a autora havia indicado no livro para a diagramação, como as informações de onde cada foto deveria estar em cada capítulo. E por fim, com a diagramação completa, o projeto final foi apresentado para o orientador, e foi aprovado.

Já o processo de elaboração da capa, foi ainda mais simples. A autora separou quinze fotos representativas que estão no livro para a sua composição. Dentre as fotos escolhidas estão os pais do homenageado, seus irmãos, esposa e Procópio com companheiros de guerra. A capa está em tom sépia, o que reforça essa ideia de resgate do passado. Já os títulos dos capítulos e as molduras das fotos foram desenhados como se estivessem colados na página com pedaços de fita adesiva, trazendo um aspecto mais envelhecido e representativo de acordo com a temática do livro. Todos os aspectos que compõem o livro foram feitos desta forma, para que atraísse a atenção do leitor, para que ele se sentisse dentro da história.

O processo de produção teve início no primeiro semestre de 2021 e foi finalizado na primeira semana de novembro do mesmo ano. Antes de começar de fato a escrita, foi necessária uma busca bastante incessante por fontes e pesquisas bibliográficas que pudessem ser utilizadas na obra. O primeiro contato com as fontes como mencionado, aconteceu através de entrevistas presenciais e por telefone. Com a necessidade de aprofundar mais ainda a pesquisa para a escrita do livro, a autora, como é mencionado na obra, viajou para a cidade de Cumari. A viagem durou três dias e foi extremamente corrida, mas bastante enriquecedora, já que possibilitou visitar locais de forma presencial e ter contato com o maior número de fontes possível. É válido ressaltar que durante todo o processo de elaboração do livro, o mundo estava passando pela pandemia da covid-19. Portanto, o cuidado foi ainda mais redobrado ao contatar as fontes e visitar os locais desejados e necessários.

Ao visitar a cidade e a região onde Procópio viveu, a possibilidade de contato direto com as fontes tornou-se ainda maior que algumas histórias fossem descritas no livro sobre as quais a autora não possuía conhecimento. Foram realizadas visitas na casa da grande maioria das fontes que estão no livro, e é claro com o todos os cuidados possíveis (máscara, álcool gel e os envolvidos vacinados) e entrevistas de forma direta. Assim como na visita de campo à região do Capoeirão, a autora se dirigiu para o cemitério da cidade para checagem de algumas datas de nascimento, nomes e fazer com que sua pesquisa se tornasse ainda mais ampla. No



cemitério de Cumari foi possível desvendar o nome de uma das principais matriarcas que foi descrita no livro, mas a sua confirmação de ligação com Procópio apenas foi feita através de sua certidão de nascimento.

Já as receitas que foram passadas de geração em geração entre os membros da família Silva Leão também passaram por um processo de checagem árduo, com questionamentos e perguntas que foram feitas para cada fonte que possuía algum tipo de conhecimento a respeito delas, o que se espelha no processo de escrita. Em algumas receitas, a autora presenciou as próprias fontes fazendo as quitandas doces e salgadas.

Na visita que foi feita pela autora à Circunscrição de Serviço Militar em Goiânia, unidade do Exército com a qual Procópio tinha laços após se aposentar, possibilitou uma conversa bastante produtiva com o Sargento Lopes, um dos responsáveis pela base militar. Como descrito no livro, a autora também teve a possibilidade de visitar o 23º Batalhão de Caçadores, na cidade de Ipameri, onde seu avô se alistou no Exército brasileiro. No batalhão de Ipameri não foi possível realizar uma visita. Por conta da pandemia, ela não obteve a autorização para ser recebida na unidade. Como é possível atestar mais uma vez, o processo de busca e checagem de fontes não foi fácil e foram feitas de acordo com os parâmetros jornalísticos.

#### **4.Considerações Finais**

A necessidade de manter a história oral viva através de registros é percebido em *Memórias de uma Vida – Procópio Silva Leão*. Sem ela, várias percepções, memórias, histórias e contos se apagam. E assim a memória se vai também com quem partiu. Por mais que existam diversos contos que ainda se mantêm vivos através da oralidade, é perceptível a necessidade de registros também escritos. Pois mesmo que as lembranças fiquem registradas com o ser humano, muitas delas se apagam e se vão com o tempo e com o final da vida dessas pessoas, verdadeiros patrimônios sobre o passado.

As pessoas são diferentes e enfrentam dilemas diários distintos, e é por isso que a ressalva de manter a história oral através de registros se perpetua mais uma vez com necessidade. A história oral tem se tornado cada dia mais presente, desde em rodas de conversas informais até debates acadêmicos, que valorizam a necessidade de mantê-la cada vez mais presente.

Apesar deste livro reportagem se tratar de uma biografia de Procópio Silva Leão, avô da autora, e possuir suas particularidades a respeito de uma família em específico, a família Silva Leão, a história apresentada através deste livro mostra a necessidade da sociedade em conhecer mais sobre suas origens e antepassados. Ao conhecer melhor e vivenciar um pouco da própria história, o ser humano passa a valorizar ainda mais suas origens. Para a autora, que vivenciou essa experiência de perto, concorda com esta afirmação.

Desde que iniciou a escrita e produção do livro, a autora procurou ao máximo manter uma escrita que fizesse com que o leitor tivesse interesse pela leitura, e isso foi uma de suas maiores preocupações, buscando ao máximo atender todos os públicos com a escrita. E em *Memórias de uma vida – Procópio Silva Leão* é possível perceber o quanto a leitura é de fácil compreensão.

Para a autora, a experiência de escrever o livro foi de profundo crescimento pessoal e profissional, além de ter sido emocionante, por se tratar da história de sua família e poder lidar de forma tão próxima com acontecimentos que fazem parte da sua história. De fato, escrever sobre algo tão próximo de si e manter o distanciamento para apuração das informações foi um desafio. Mas foi exatamente nessa dificuldade que fez com que o livro se tornasse esse objeto histórico-jornalístico.

Fazer um livro-reportagem não priva dos perigos vivenciados e oferecidos no dia-a-dia, apenas muda esse formato para algo mais brando e com um deadline um pouco diferente. Diversas vezes, ao se deparar com a escolha das fontes e priorizar a escolha de determinados

dados e abordar diferentes fatos, a autora exercia o papel de gatekeeper, e, ao escrever a respeito do tema, se deparava com o lado familiar e o lado jornalístico. No entanto, a curiosidade de jornalista manteve-a disposta na incansável busca por fontes e checagem das informações.

O sentimento que fica é o de que cada estudo, pesquisa e busca para manter viva a história de sua família foi válida e bastante recompensadora, tanto pelo aprendizado que levou consigo, quanto pelas experiências que vivenciou ao escrever o livro. A autora, que sempre foi uma pessoa bastante curiosa e amante da história, se sentiu realizada com suas descobertas. Ao narrá-las se imaginou em cada situação descrita no enredo e imaginou como seria a melhor forma de fomentar o conhecimento que adquiriu para os leitores.

Sem dúvida um de seus maiores aliados nessa trajetória foi seu caderninho. Em todos os cantos que realizava entrevistas, andava com ele. Afinal, muitas das vezes, as fontes até preferiam realizar algum relato, quando a autora estivesse longe dele, e por conta disso, sempre que finalizava alguma conversa, a autora se preocupava em anotar no mesmo rapidamente. Não foram poucas as vezes em que, enquanto terminava de escrever uma história, a autora se pegava rindo sozinha do que tinha acabado de escrever.

Esses momentos de imersão na história e no universo dos entrevistados fizeram com que a autora se sentisse realmente no momento em que relatava. E apesar das dificuldades em seu caminho, as mudanças de linha editorial, e a dificuldade de checagem das informações, o esforço foi feito. E a sensação final é de dever cumprido.

## 5.Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1525.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1525.pdf) Acesso em 03/11/21.

BERNADI, Clacir José. CASTILHO, Maria Augusta. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano Artigos. **Interações** (Campo Grande) 17 (4)Oct-Dec 2016).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, **Portal da seção de inativos e pensionistas**. Disponível em: [http://www.ssp3.eb.mil.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=339:tipos-de-beneficios-2&catid=2&Itemid=261](http://www.ssp3.eb.mil.br/index.php?option=com_content&view=article&id=339:tipos-de-beneficios-2&catid=2&Itemid=261). Acesso em: 03/11/21.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CHAUL, Nasr Fayad. **O passado presente no amanhã**. 2009

DONDA, Clarissa. **Roteiro dos Bandeirantes**: conhecendo as estradas que criaram o Brasil de hoje. Donde ando por aí. 2011. Disponível em: <https://www.dondeandoporai.com.br/roteiro-dos-bandeirantes-conhecendo-as-estradas-que-criaram-o-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 03/11/21).

IGARAPAVA, 2021. **Prefeitura de Igarapava**. Disponível em:<https://igarapava.sp.gov.br/site/wp-content/uploads/2018/06/Cidade-de-Igarapava-.pdf>. Acesso em: 03/11/21).

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: livro-reportagem como extensão do jornalismo. São Paulo: Manole, 2009.

MARCONDES. Ciro Filho. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial . 5 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

OLIVEIRA, CHRISTIAN. **Festas religiosas, santuários naturais e vetores de lugares simbólicos**. Revista da ANPEGE, v. 7, n. 8, p. 93-106, ago./dez. 2011. BACHELARD, G. Ensaio sobre o conhecimento aproximado. São Paulo: Contraponto, 2003

RIZZI. C.A. **Investigações sobre a construção do fitônio Capoeira**: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística indígenas. TradTerm. Volume 19, p. 214-247, 2012.

## **ANEXO 1 – Lista de fotos/figuras**

Página 11 – Certidão de Nascimento de Procópio Silva Leão – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 16 – Os irmãos – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 20 – Casal pioneiro – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 21 – Família pioneira – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 21 – Casal pioneiro – Acervo pessoal de Maria da Glória Gonçalves Leão.

Página 22 – Foto 1 – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 22 – Foto 2 - Acervo pessoal de Cleber Aparecido Clemente Rosa.

Página 23 – Irmãos Silva Leão – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 24 – Procópio Silva Leão – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 28 e 33 – Acervo pessoal de Cleber Aparecido Clemente Rosa.

Página 33 – Foto 2 – Acervo pessoal da autora.

Página 38 – Carro de boi – Acervo pessoal da autora.

Página 43 – Cristo Redentor de Cumari – Acervo pessoal da autora.

Página 46 – Foto 1, 2 e 3 – Acervo pessoal da autora.

Página 48 e 49 – Foto 1 a 4 – Acervo pessoal da autora.

Página 60 a 62 – Foto 1 a 7 – Acervo pessoal da autora.

Página 64 – Capoeirão – Acervo pessoal da autora.

Página 67 – Árvore Capoeirão – Acervo pessoal da autora.

Página 74 e 75 – Fotos – Acervo pessoal da autora.

Página 77 – Crucifixo – Acervo pessoal da autora.

Página 80 – Cruz no Capoeirão – Acervo pessoal da autora.

Página 82 – Capoeirão – Acervo pessoal da autora.

Página 91 – Capela Santa Cruz – Acervo pessoal da autora.

Página 95, 96 e 99 – Capela Santa Cruz – Acervo pessoal da autora.

Página 101 e 102 -Galpão Festa de Santa Cruz – Acervo pessoal da autora.

Página 109 – Casamento Lidiane e Júnior – Acervo pessoal da autora.

Página 125 – Foto 1 e 2 – Acervo pessoal de Guilherme Aguiar.

Página 125 – Foto 3 – Acervo pessoal da autora.

Página 127 – Foto 1 a 3 – Acervo pessoal de Guilherme Aguiar.

Página 127 – Foto 4 – Acervo pessoal da autora.

Página 128- Doce de mamão – Acervo pessoal da autora.

Página 130 – Doce de pau de mamão com coco – Acervo pessoal de Guilherme Aguiar.

Página 132 – Doce de figo – Acervo pessoal da autora.

Página 134 – Preparo de almôndegas – Acervo pessoal de Guilherme Aguiar.

Página 136 – Preparo Tutu de feijão – Acervo pessoal de Maria Ferreira.

Página 139 – Pão de queijo – Acervo pessoal da autora.

Página 141 – Preparo de Requeijão – Acervo pessoal de Maria Silva Leão.

Página 145 – 23º Companhia de Engenharia de Combate 2021 – Acervo pessoal da autora.

Página 152 e 153 – Casamento Procópio e Cilezia – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 160 – Dona Cilezia – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 162 e 163 – Fotos de Procópio – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 169 – Orações – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 172 – Moedas – Acervo pessoal da autora.

Página 182 – Certificado Ministério da Guerra – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 185 a 193 – Procópio e companheiros de exército – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 195 e 196 – Senhor Manoel Agapito - Acervo pessoal da autora.

Página 199 e 200 – Navio Aspirante Nascimento – Acervo pessoal de Luiz Carlos Leão.

Página 202 – Procópio e companheiros de exército – Acervo pessoal de Waldeci da Silva Leão.

**ANEXO 2 -Termo de autorização de publicação de produção acadêmica**

**RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE**

**Termo de autorização de publicação de produção acadêmica**

O(A) estudante Daniel Gondra Nange Loreto  
do Curso de Comunicação Social - Jornalismo matrícula 20181032700659  
telefone: (62) 991525408 e-mail: danielgondra2@gmail.com na  
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos  
do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o  
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado  
"Memórias de uma vida - Provérbio Silva Loreto"

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões  
do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado  
(Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG,  
MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a  
título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 22 de Novembro de 2021.

Assinatura do(s) autor(es): Daniel Gondra Nange Loreto

Nome completo do autor: Daniel Gondra Nange Loreto

Assinatura do professor-orientador: Rogério Pereira Borges

Nome completo do professor-orientador: Rogério Pereira Borges